

DOIS PAÍSES, CONTEXTOS DIVERSOS DE PRODUÇÃO DE MASCULINIDADES E MERCADOS DO SEXO: IDENTIFICANDO PEDAGOGIAS DO GÊNERO E CIRCULAÇÃO DE SABERES

Fernando Seffner¹
Luis Pablo Orozco Varela²

Resumo: A partir dos achados em dois projetos de pesquisa, na Costa Rica e no Brasil, lidando com dois contextos diversos, a cultura escolar e os mercados do sexo de homens para homens, estabelece-se um diálogo em torno de aprendizagens, conhecimentos e experiências. Utilizamos os conceitos de cultura escolar, pedagogias culturais, pedagogias do gênero e da sexualidade, proliferação de locais de aprendizagem, currículo cultural e circulação de saberes. As análises estão centradas em torno de questões de gênero e do pertencimento ao terreno de produção das masculinidades, mas buscamos dialogar com alguns outros marcadores sociais da diferença. A análise enfatiza a centralidade das negociações em torno do gênero, dentro e fora da escola, e com isso fornece elementos para discutir com os movimentos de cunho conservador, como o movimento "ideologia de gênero", que advogam pela não necessidade do debate em torno das desigualdades de gênero, na escola ou fora dela.

Palavras-chave: Pedagogias Culturais; Pedagogias do Gênero; Mercados do Sexo; Costa Rica; Brasil.

Two Countries, Different Contexts of Masculinity Production and Sex Markets: identifying gender pedagogies and circulation of knowledge

Abstract: The paper presents and connects the findings of two research projects, conducted by the two authors. One project in Costa Rica, and another in Brazil. One project deal with school culture, the other project deals with "male to male" sex markets. To establish the dialogue around learning and knowledge, we used the concepts of school culture, cultural pedagogies, gender and sexuality pedagogies, proliferation of learning places, cultural curriculum and circularity of knowledge. The analyzes are centered around issues of gender and belonging to the masculinity production field, but we seek to dialogue with some other social markers of difference. The analysis emphasizes the centrality of negotiations around gender, inside and outside the school. This provides elements to discuss with conservative movements, such as the "gender ideology" movement, which advocate that there is no need for a debate around gender inequalities, at school or outside.

Keywords: Cultural Pedagogies; Gender Pedagogies; Sex Trade by Men for Men; Costa Rica; Brazil.

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (fernandoseffner@gmail.com)

2 Universidad Nacional e Universidad Estatal a Distancia da Costa Rica. (pablohistoria1983@gmail.com)

RELAÇÕES DE GÊNERO - DOIS PAÍSES, EMBATES UM TANTO SIMILARES

Este artigo estabelece um diálogo entre dois projetos de pesquisa. Do autor principal, apresentam-se relatos de etnografias e curtas conversas com alunos homens do Ensino Médio cursando escolas públicas na região metropolitana de Porto Alegre. Nelas, temas ligados a corpo, gênero, sexualidade e homossexualidade foram abordados, e certo interesse pelo chamado comércio sexual entre homens apareceu³. Do segundo autor, trazemos informações do projeto do qual resultou a escrita da dissertação de mestrado (VARELA, 2016), e elementos oriundos do prosseguimento da coleta de dados na mesma direção, nas ruas e territórios destinados ao comércio sexual de homens para homens na cidade de San José, Costa Rica. No título do artigo, buscamos expressar a questão principal que identificamos lidando com os dados de campo desses dois projetos: a centralidade dos aprendizados que decorrem das relações de gênero, no diálogo com outros marcadores sociais da diferença. Dito de outro modo, a centralidade da afirmação “sou homem”, em constante processo de construção, fruto de aprendizagens, em complexas interações com diferentes contextos, com outras posições de sujeito e com pertencimentos de diferentes tipos. As aprendizagens que identificamos e a diversidade de locais em que são vividas sustentam o conceito de pedagogias do gênero e da sexualidade, uma modalidade específica das pedagogias culturais, conforme discutido em Andrade e Costa (2017) e Camozzato (2018).

Tal centralidade revela duas importantes estratégias, que serão exploradas neste artigo. A primeira é tratar o gênero como estruturante das relações de poder que se dão nas negociações relatadas pelos homens entrevistados no estudo, tanto com os possíveis clientes de seus serviços, quanto com os demais homens e mulheres de seu entorno social, bem como com disposições normativas e morais das sociedades em que vivem. É em torno das relações de pertencimento de gênero que se disputam os principais jogos de poder nos contextos analisados, em interação com outros marcadores. A segunda estratégia diz respeito à dimensão pedagógica e educativa dos processos sociais nos quais tais sujeitos se veem envolvidos, a qual analisamos com a utilização dos conceitos de pedagogias

³ Projeto intitulado “Processos Culturais e Pedagógicos de Produção, Manutenção e Modificação das Masculinidades no âmbito da cultura escolar: reiteraões e transgressões da norma”, financiamento CNPq processo 308086/2018-0, informações em <http://lattes.cnpq.br/2541553433398672>.

culturais e de pedagogias do gênero e da sexualidade. A cada momento, em cada contexto, na hora das negociações no mercado sexual, todos estão aprendendo e praticando gênero. Longe dali, em salas de aula do Ensino Médio, alunos homens muito jovens, mesmo nunca tendo estado fisicamente próximos de tais mercados, por “ouvir dizer” sobre eles, inserem tais informações em roteiros de aprendizagem sobre o que é ser homem, como se dão as relações de gênero, e tiram conclusões acerca do que se pode fazer com o pertencimento de gênero. Tais aprendizagens se dão em um nível que podemos chamar de micro político e guardam importantes conexões com um conjunto de discursos que alimenta a macro política, nos dois países, e que se reflete nas batalhas em torno do gênero, no movimento conhecido como “ideologia de gênero” e em outras estratégias antigênero. De modo um tanto irônico, no nível macro político, nos dois países, autoridades fazem enormes esforços para que não se aborde o tema do gênero. Ao fazer isso, passam o tempo todo falando em gênero, pauta que se converteu em verdadeira política de estado, e importante bandeira dos grupos conservadores. No nível da vida micropolítica, seja nas negociações do mercado do sexo, seja nas salas de aula, o termo gênero quase não é utilizado, mas gênero é praticado de modo reiterado, consistente e estruturante das relações sociais. Voltamos ao título do artigo: damos voltas, andamos e retornamos, e no gênero sempre estamos, e através dele muito aprendemos. Entretanto, nunca apenas estamos no gênero, pois há uma complexa interação com outros marcadores sociais da diferença.

Nosso interesse primeiro, nos dois projetos de pesquisa, estava focado nas aprendizagens que conduzem à produção de homens nesses contextos e à formação dos campos discursivos envolvendo masculinidades e feminilidades. O chamado trabalho sexual entre homens, ou comércio sexual, dá-se em um território que podemos definir como “campo minado”. Reconhecemos que a produção de masculinidades e feminilidades, em qualquer situação social, é objeto de disputas e traz o caráter de campo minado. Contudo, nos parece que, para os homens e rapazes alunos aqui entrevistados, a circulação no território do mercado sexual intensifica tal disposição de tensão constante, o que, em parte, decorre do fato de que a negociação se dá entre homens. Ela se dá na intersecção entre normas e disposições práticas (quando não jurídicas) entre a cultura sexual hegemônica, que é fundamentalmente cisheteronormativa e baseada em ditames morais cristãos nos dois países que aqui tomamos como local de pesquisa, Brasil e Costa Rica, e as experiências, desejos, riscos, questões da biografia dos entrevistados e conflitualidades e violências que marcam o território de possíveis ganhos onde estes homens se cruzam. Focados nesse contexto específico, que

lida com o desejo de homens que se reconhecem como heterossexuais em manter relações sexuais com outros homens em troca de ganhos de várias ordens, inclusive financeiros, percebemos o caráter interseccional com numerosos marcadores sociais da diferença: raça (perceber-se branco, pardo, negro, mulato); etnia e nacionalidade (ser latino, ser gaúcho, ser “gringo”, ser “de origem europeia”), geração (perceber-se jovem, adulto, velho), pertencimento religioso (estar inserido em pertencimento religioso afro-brasileiro, católico, pentecostal evangélico, espírita ou afirmar não ter pertencimento religioso), sexualidade (reconhecer seu desejo por mulheres, por ser “ativo” ou “passivo”, por homens e mulheres ou apenas por homens), família (indicar uma origem em família dita “estruturada” ou “desestruturada”, em família que conta com a figura paterna presente ou não, com irmãs e irmãos predominantemente mais jovens ou mais velhos), paternidade (ser jovem e já ser pai, ser jovem e não ser pai, indicar desejo de ser pai ou não), situação civil (ser casado, legalmente ou não, ou não ser casado, manter relação de namoro com mulheres ou não, de modo duradouro ou pontual), práticas esportivas (reconhecer boa performance no desempenho esportivo, notadamente no futebol, ou não), classe social (reconhecer-se e reconhecer o outro como pobre, classe média baixa, classe média alta, rico, tendo acesso a tais ou quais bens de consumo ou não).

Situamos nossos informantes dentro de dois grandes ambientes, bastante polarizados nas duas sociedades em que as pesquisas foram desenvolvidas, e que identificamos de modo abundante em suas falas, e nos quais reconhecemos dimensão pedagógica evidente: a noite e o dia, a casa e a rua. O que se vive e se aprende na noite pode não coincidir com o que se vive e se aprende durante o dia. De modo similar, práticas, noções morais e valores que habitam o território da rua não coincidem com o que vige em casa necessariamente. Entre essas polaridades os informantes buscam construir soluções e encaminhamentos para justificar opções tomadas. A partir dos achados e estudos no âmbito dos dois projetos, buscamos conexões entre essas situações e a centralidade que hoje se verifica na questão do gênero nos enfrentamentos nas duas sociedades analisadas. Percebemos também conexões entre um elemento importante da racionalidade neoliberal que hoje vige, a noção de empreendedorismo individual, e as questões em gênero e sexualidade no discurso da ordem moral conservadora que avança em muitos países na última década, conforme discutido em Seffner (2020). Frente ao estado de precariedade que hoje domina as relações no mundo do trabalho, performances em gênero e sexualidade parecem ter força nos projetos de futuro dos jovens.

Feita esta introdução, os tópicos a seguir abordam primeiro um conjunto de conceitos essenciais para o trabalho analítico a que nos propomos. Em seguida, há dois tópicos que apresentam os estudos que lidam com o mercado sexual de homens para homens, tanto no Brasil quanto na Costa Rica. Por fim, narramos cenas e trazemos depoimentos de informantes dos dois projetos, e estabelecemos conexões entre esses materiais. Privilegiamos a operação das pedagogias do gênero e da sexualidade e certa circularidade de conhecimentos que, embora habitando as experiências tidas em um lugar – a cultura escolar, por exemplo – indicam sabedoria acerca de ambientes dali bem distantes – os mercados sexuais de homens para homens. Tal assertiva demonstra certa inutilidade nas campanhas como o movimento "ideologia de gênero", pois a cultura escolar é necessariamente porosa aos temas em circulação na sociedade, e é inclusive seu propósito discuti-los com os jovens, numa preparação para a vida.

TUDO SE APRENDE, E TAMBÉM EM RELAÇÕES DE GÊNERO SE APRENDE

As cenas coletadas em escola entendemos como oriundas da cultura escolar, a saber, tanto produzidas em função das marcas da cultura escolar quanto produtoras das disposições da mesma cultura. A partir dos trabalhos de Julia (2001), Filho (2004) e Knoblauch (2012), compreendemos a cultura escolar como um jogo de articulações, sempre em movimento, que envolve as normas escritas, as tradições escolares, um leque de condutas esperadas, as disposições postas em regimentos, as práticas regulatórias consagradas, os objetivos e finalidades da educação nacional, um conjunto sempre mutável de estratégias de monitoramento e avaliação das aprendizagens, um agregado de demandas sociais e familiares ou dos próprios alunos acerca das trajetórias escolares, as disposições curriculares por níveis de ensino e definidas para cada série específica, a soma das pressões de grupos sociais, os desejos das culturas juvenis, certa influência das modas educacionais, a interpretação consolidada de leis e de políticas públicas, as exigências do mundo do trabalho, os compromissos firmados em acordos internacionais que exercem pressão sobre o que se deve ou não fazer na escola. Esse jogo complexo de elementos define, a cada momento, o que é adequado ou não, o que é certo ou não de se fazer na escola.

Cultura escolar é um conceito útil para pensar a especificidade dos contornos da instituição escola, mas a cultura escolar não é autônoma em relação aos valores sociais. Ao contrário, ela se alimenta deles, e também exerce

influência sobre a cultura do entorno, num jogo permanente de influências recíprocas. Na vida em sociedade, muitos são os traços valorizados por serem oriundos da escolarização. Na mão contrária, muito do que se faz na escola visa atender demandas sociais específicas, do mundo do trabalho, por exemplo, ou pode se opor a valores dominantes, como é o caso da ênfase em trabalhos coletivos e na solidariedade no regime escolar, em oposição a uma diretriz individualista empreendedora de certos meios sociais. Em todos os países do mundo, a escolarização avança nos últimos anos, em termos de anos de duração, e em termos de duração diária das horas de aula. Cada vez mais rumamos para escolas de turno integral, nas quais boa parte da vida dos jovens se passa. Dessa forma, há um conjunto de interações cada vez maior entre os valores das culturas juvenis e aqueles que conformam a cultura escolar, pois, na grande parte das sociedades, já não há mais como viver a condição juvenil sem ser em estreita relação com a escolarização. A cultura escolar é fortemente marcada como lugar de aprendizagens, tanto no âmbito científico quanto no âmbito da sociabilidade (relações entre os pares) e também no da socialização (relação com normas e regras sociais). As aprendizagens produzidas em seu interior são, como já assinalado, marcadas por demandas sociais e influenciam a vida em sociedade.

A sociedade atual se caracteriza por uma proliferação de locais de aprendizagem, aqui entendidos como locais em que as relações de poder se instituem, e com elas conjuntos de saberes são validados ou reprovados. Cada vez mais os indivíduos são lançados ao mandato de um currículo de vida pelo qual devem estar sempre aprendendo, em contínuo processo de aperfeiçoamento pessoal e profissional. Não se trata apenas de uma valorização da experiência de vida, princípio social que já existia de muito tempo, a indicar certo processo de acúmulo de conhecimentos pelo simples passar do tempo na vida, conceito de toda forma pobre de experiência. Trata-se agora de estimular de modo constante a que os sujeitos se envolvam decididamente em um processo incessante de aprendizagens. O valor social da busca pelo aperfeiçoamento constante, atestada pela vinculação do sujeito a cursos, instituições, plataformas e outros locais de reconhecida excelência nos saberes, é algo definidor das oportunidades profissionais e pessoais. A combinação do reconhecimento da multiplicação de locais de aprendizagem na vida social com o mandato do processo sem fim de aperfeiçoamento fornece a base para o conceito de pedagogias culturais. Tal conceito nos leva a perceber a multiplicidade de processos educativos em vigor na sociedade, e revela a produtividade de pensar o social com categorias que, por muito tempo, estiveram restritas à análise do território escolar.

Pedagogias culturais designam em geral essas pedagogias que “escaparam” da escola, e se enraizaram nos processos sociais, uma vez que “existe pedagogia em qualquer lugar onde o conhecimento é produzido e onde as experiências sociais possam ser traduzidas” (COSTA; SILVA, p. 218, 2021). Não são pedagogias com códigos estruturados, como aquelas escolares, mas nem por isso são menos efetivas na produção de sujeitos. Dentre as pedagogias culturais, nos interessam particularmente aquelas que tomam como foco as questões em gênero e sexualidade, que temos denominado de pedagogias do gênero e da sexualidade. Mais especificamente, lidamos com os processos de produção, manutenção e modificação das masculinidades, que aqui nomeamos como pedagogias das masculinidades. É o caso, por exemplo, do projeto que desenvolvemos junto a torcidas de futebol, em que buscamos o conjunto de estratégias pedagógicas que ensina simultaneamente a ser torcedor e a ser homem, nos novos estádios, agora chamados de arenas. De modo semelhante, já nos envolvemos em pesquisa que visou mostrar a produção, de modo articulado, do ser homem e do sujeito versado em carros, via análise das pedagogias do gênero presentes na Revista Quatro Rodas. Com o objetivo de construir sujeitos, ou produzir identidades, as pedagogias culturais dão origem a currículos culturais, aqui entendidos como proposição de trajetórias, recuperando a noção primeira de currículo, que é percurso. Os currículos culturais são conjuntos articulados de proposições que envolvem relações de poder, privilégios, ganhos, oportunidades, bem como riscos a correr, negociações a enfrentar, e necessidade de aprender para conquistar um bom ponto de chegada na vida. E já na reta final de escrita deste texto, encontramos o artigo que trata das pedagogias da noite, no qual se fazem reflexões sobre a noite como instância de aprendizagem:

A noite transforma-se em lugar de refúgio, onde muitos sujeitos encontram a ilusão de liberdade, desvinculando-se das regras e normas sociais impostas pelo dia, ressignificando o espaço e o tempo [...] os sujeitos não se sentem mais colonizados pelos poderes regidos pelo regime diurno e nem por eles controlados” (COSTA; SILVA, p. 217, 2021).

Para a maioria das pessoas, quando se fala em prostituição, a imagem que vem à mente é inequivocamente a da prostituição feminina. Ela é a prostituição em geral, e o caso específico é o que nos ocupamos aqui, a prostituição masculina. O crescente volume de trabalhos acerca do mercado sexual de homens para homens, e mais modernamente de homens para mulheres, indica mudanças na estrutura patriarcal dos dois países aqui em estudo. Tal mudança é um dos frutos mais diretos do movimento feminista, em conexão com o que hoje denominamos

movimento LGBTQIA+, nas duas sociedades. Tais movimentos forçaram, e cotidianamente forçam, o deslocamento da figura do homem heterossexual, que entre outras coisas emerge como objeto de estudos. Primeiro, a ciência se ocupou daqueles que não eram – e muitas vezes ainda não são – considerados exatamente modelos de homens, a saber, homossexuais, bissexuais, homens indígenas, negros, pardos, pobres, deficientes, jovens, muito velhos, obesos, impotentes, enfim, marcados por sinais que não lhes habilitam a ingressar na masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995). Vale lembrar que nos estudos da homossexualidade masculina, o tema da prostituição masculina que atende essa parcela de desejo da população veio se ampliando. É visível que ele muitas vezes provoca incômodos na masculinidade hegemônica, especialmente quando se constata as reações a sua abordagem em filmes de sucesso⁴. O progressivo movimento que vai retirando homens heterossexuais da posição da norma e os converte em objetos de pesquisa abre espaço para uma variedade de estudos. O simples fato de colocar sob investigação, debate e construção histórica o regime de heterossexualidade implicou seu deslocamento político, como se discute em Katz (1996). A masculinidade vem sendo forçada a abandonar a confortável posição de norma, e se vê em tensão, a partir das indagações do ativismo feminista, do movimento LGBTQIA+, e das pesquisas, bem como de mudanças nas dinâmicas sociais. Todos esses movimentos trazem impactos para os ambientes que pesquisamos.

HOMENS E MERCADOS SEXUAIS NO BRASIL

Observando o leque de estudos e pesquisas acerca do trabalho sexual de homens para homens e os processos de produção de masculinidades no Brasil, é possível afirmar que o maior volume de literatura acadêmica se concentra nos últimos quinze a vinte anos. Tal crescimento recente fica evidenciado de modo mais claro se comparamos essa produção com a literatura acadêmica acerca do trabalho sexual feminino e sua história – de longa data um objeto clássico nos estudos das ciências humanas e sociais aplicadas, como se verifica em Meihy (2015), e tema de grande número de publicações, de largo alcance editorial, conforme se discute em Rago (1991). Isso se dá inclusive pela curiosidade masculina que a prostituição feminina desperta, dada sua recorrência em romances, e pela sugestão de lugares míticos de prazer, na forma de cabarés, bordéis, lupanares, prostíbulos, que podemos tomar como dispositivos de

⁴ É o caso do clássico “Garotos de Programa” (My Own Private Idaho), produção de Gus Van Sant, Estados Unidos, 1991.

produção de pedagogias das masculinidades, locais onde historicamente se ensinaram os jovens rapazes “a serem homens”.

Das obras que selecionamos para compreender o fenômeno no Brasil a primeira é a de Néstor Perlongher (1993). O autor realizou etnografia percorrendo ruas da cidade de São Paulo e mostrando que a dinâmica do que ele denominou de prostituição viril se formou simultaneamente aos territórios de possibilidade desses mercados. Perlongher (1993) desenvolve o conceito de zona moral, que permite compreender a articulação dos mercados sexuais e dos sujeitos que neles circulam, que compartilham uma linguagem própria, estabelecendo relações de proximidade, conexão e possibilidade de cruzamento entre ofertas eróticas diversas no mesmo território. De modo simultâneo, a obra do autor argentino busca perceber a produção das homossexualidades nesses territórios, e do homem viril que se prostitui. Com isso, Perlongher (1993) fornece categorias para compreender como circulam conceitos e imaginários de masculinidade entre os trabalhadores do sexo, os michês, analisando as visões hegemônicas que associam a identidade masculina com ações e discursos que reforcem a norma heterossexual, que nesses espaços de muitos modos se encontra tensionada, e por isso tem de dizer de si, se afirmar.

A minuciosa experiência etnográfica de Perlongher (1993) foi uma clara fonte de inspiração para os dois projetos de pesquisa que aqui dialogam. A pesquisa de Varela (2016), por exemplo, nela se inspira, e a complementa ao buscá-la em espaços públicos, como parques e ruas na cidade de San José. Perlongher (1993) é base tanto no momento de colocar teoria em diálogo com as falas dos sujeitos quanto no processo de elaboração das estratégias de etnografia das cenas em território escolar e das cenas em territórios de mercados sexuais. Isso implicou perceber a natureza dos espaços, e dali pensar a ação de pedagogias do gênero e da sexualidade em ação. Tomamos os espaços como espaços educadores, e nossas conversas com os sujeitos, como possibilidades de reflexão, não só para quem pergunta, como para quem responde, valorizando o ato da entrevista, conforme discutido em Andrade e Costa (2015). Além disso, no trabalho do inglês Peter Fry (1982), estudioso das relações entre homossexualidade, religião, raça e desigualdades de classe, estão apoiados os elementos para pensar os marcadores sociais da diferença, e as negociações de natureza interseccional entre eles.

Para pensar o caso brasileiro, foi também valiosa a leitura de Richard Parker (2002), que historiciza a produção das homossexualidades no Brasil, ao mesmo

tempo em que a coloca em diálogo com o período de emergência da AIDS. O recorrido histórico se encontra em seu trabalho de 2002 e permitiu também pensar a realidade da Costa Rica, em particular com os processos de representação dos dois países como paraísos sexuais, onde supostamente não há pecado, e tudo se pode fazer. O fenômeno do turismo sexual marca os dois países e produz ensinamentos nos modos de ser homem, que flagramos não só em “inocentes” conversas com jovens do Ensino Médio em escolas da região metropolitana de Porto Alegre, como também em territórios de rua dedicados expressamente à prática de comércio sexual entre homens em San José. Conforme abordaremos no último tópico desse artigo, as falas revelam processos de aprendizagem, que entendemos como pedagogias do gênero e da sexualidade. Não se nasce homem disposto ao comércio sexual com outros homens, aprende-se acerca disso, através de difusas, mas produtivas, pedagogias culturais. Tais pedagogias fornecem uma possibilidade de currículo cultural, entendido aqui em sentido comum de percurso, que se conecta com o conceito de experiência — não aquilo que me acontece, mas o que eu faço com o que me acontece, conforme discutido em Bondía (2002).

Nas referências citadas, temos também elementos para compreensão dos processos de formação de uma moral sexual acerca das relações entre homens e das negociações entre códigos morais e práticas sexuais, atravessadas, por vezes, pela experiência da AIDS. Outros temas de interesse, como o exame das políticas públicas de saúde, das decisões e códigos em direitos humanos e trabalho sexual e com experiências de pesquisa diversas nesse campo, colhemos nos trabalhos de Terto Junior (1989), Capucho (1999), Vale (2000), em que o foco são salas de cinema com conteúdo pornográfico e forte presença de homens homossexuais. Em Braz (2007; 2009), colhemos elementos do estudo de masculinidades em clubes de encontro e socialização para homens, onde também se desenvolvem práticas sadomasoquistas. Em Freitas Nunes (2012), encontramos a experiência de clubes de recreação para homens gays, com shows de strip-tease masculino, sauna, vídeo locadora, onde a frequência de garotos de programa é permitida. Tais pesquisas nos foram úteis, dentre outros motivos, porque problematizam os discursos que idealizam uma determinada imagem de beleza masculina, em geral ancorada em corpos de “homens machos”, demonstrando que nesses espaços de produção do desejo “alguns corpos importam mais que outros” (NUNES, 2012, p. 23). O marcador geração é determinante na produção do corpo desejado nos ambientes em estudo, uma vez que

[...] nestas situações, corpos jovens, musculosos, bem-dotados, a grande maioria brancos, são extremamente valorizados e cotizados, enquanto que corpos velhos, obesos, são quase sempre invisíveis, senão desprezados ou simplesmente interditos de circular (NUNES, 2012, p. 23).

Estes critérios, que qualificam ou desqualificam os corpos que podem produzir desejos, são elementos-chave para pensar tanto o estudo dos mercados sexuais em San José quanto para compreensão das falas de alunos homens jovens em Porto Alegre.

Do trabalho de Seffner (2003), trazemos informações que ajudaram a pensar a produção de subjetividades dos homens que trabalham nos mercados sexuais na tensão entre dois polos. De um lado, seguir os projetos clássicos da sociedade patriarcal - ter filhos, casar e constituir uma família nuclear, seguir carreira profissional que garanta seu papel de provedor, vincular-se a um pertencimento religioso. De outro, um conjunto de contingências que apontam para elementos de constituição das masculinidades, a saber, o trânsito durante a noite, a vida nas ruas, o risco inerente ao ingresso em circuitos do mercado sexual, o ser desejado mesmo que por outros homens, a ilusão do dinheiro fácil, a valorização do próprio corpo e de sua virilidade. Destacamos o artigo escrito por Henrique Caetano Nardi (2010), intitulado “Sexo e poder nas tramas pós(?)identitárias: reflexões sobre a prostituição masculina”, que remete a uma experiência etnográfica particular, e elabora seu relato articulando áreas como saúde, trabalho e sexualidade, em diálogo com conceitos de Judith Butler, processos de subjetivação que derivam de uma releitura de Foucault, noções de masculinidade e prostituição masculina inspirados também na obra de Néstor Perlongher (1993). Também em Nardi (2010), nos foi útil a discussão acerca da produção de amizades e ambiente de camaradagem entre homens no mundo do mercado sexual noturno, envolvendo parcerias também com os clientes (NARDI, 2010, p. 229).

APRENDER MASCULINIDADES NOS MERCADOS SEXUAIS NA COSTA RICA

Costa Rica é um país de tradição católica e, nos últimos anos, viu crescer versões do cristianismo evangélico e pentecostal, com impactos na ordem moral. Com sua vocação turística, o país desde muito é visto como paraíso sexual, especialmente para visitantes norte-americanos. Isso gerou uma indústria da sexualidade, e um fenômeno de dupla moral: condenada com frequência no

discurso das políticas públicas e das religiões, mas apregoadas de forma bastante evidente na propaganda turística, a noção de paraíso das praias e da sexualidade é elemento que compõe o imaginário cultural do país. A prostituição masculina se manteve ativa, mas velada, e sua discussão acadêmica começa com os trabalhos de Jacobo Schifter (1999; 2015). Os homens envolvidos no comércio sexual de homens para homens na cidade de San José aprendem primeiramente a reconhecer a cidade, a identificar os espaços que permitem tornar-se cliente ou homem trabalhador sexual. Os espaços trazem consigo rituais de ingresso, contatos, formas de comportar-se, linguagens, modos performativos, saberes, necessidade de silêncios e cuidados, configurando pedagogias da noite e pedagogias do gênero e da sexualidade. A partir dessas experiências, vão se produzindo posições de sujeito, em permanente reformulação, como situa Piscitelli (2013), enfatizando que a categoria gênero imbrica-se com outras categorias, como classe, idade, cor, nacionalidade e etnicidade.

No contexto dos mercados sexuais de San José, considerar tais posições de sujeito indica que não é o mesmo exercer a prostituição masculina se o sujeito é costarricense ou nicaraguense, este último na condição de migrante, muitas vezes experimentando discriminação por sua nacionalidade. De outro modo, um jovem de classe média, “bem apresentado”, com nível de escolaridade secundário e conhecimentos de língua inglesa, pode acessar ganhos com clientela mais abonada do que um jovem de classe baixa, com pouca escolaridade e percorrendo circuitos de maior marginalidade. Há hierarquias estéticas, geracionais, de cor da pele, de classe, de origem étnica e de lugar de moradia, conforme discutido em Varela (2016). Por vezes, a masculinidade é aprendida em torno da performance sexual de quem se mantém no chamado papel ativo na hora da penetração, valorizando esse ato como definidor da virilidade. No caso de Melvin, o critério para definir masculinidade foi claramente esse:

O que significa ser homem? Bem, essa palavra é algo complicado. Veja, eu sou casado, e, para mim, ser homem é estar com mulheres. Sou pai de família, gosto de mulheres. Me considero homem. Embora eu ande nisso com homens, me deitando com outros do mesmo sexo, eu não deixo que me façam coisas, se você me entende, não permito que não me tomem como homem (VARELA, 2016, p. 233).

No caso da Costa Rica, a palavra “playo” tem uma força pejorativa para definir o exterior constitutivo (SUAREZ, 2008) dentro das regras da heteronormatividade, indicando atitudes femininas, que não trazem virilidade ao

homem. Para entender as formas de masculinidade que se vinculam diretamente ao comércio sexual entre homens, uma pergunta-chave diz respeito a quem é o penetrador e qual o valor simbólico e material do pênis dentro deste contexto. A fala de Felipe, jovem trabalhador sexual, é eloquente para pensar essas interrogações:

Eu, mais do que tudo, saio com os clientes para fazer o papel de homem. Nada de playadas⁵ nisso. Talvez que eles gostem, mas o sujeito faz o que faz, e tudo tem seu preço também. Tenho que me dar a respeitar, você me entende, essas coisas muito aplayadas⁶ não se enquadram comigo. Eu vou ser sempre o que mete, e pronto (VARELA, 2016, p. 234).

Esta caracterização que nos oferece Felipe, somada ao exposto por Melvin, sobre o modo de entender a masculinidade, nos leva as discussões acerca dos binarismos de gênero (LOURO, 1995), que operam no conjunto da sociedade, produzindo dualismos homem mulher, heterossexual homossexual, ativo passivo, nacional estrangeiro, entre outros. Nesses binarismos se constroem posições de identidade e oposição, e tais marcas estão profundamente presentes nos regimes de aprendizado das pedagogias do gênero nos mercados do sexo de homens para homens na Costa Rica.

Para discussão dos valores e entendimentos acerca do corpo e suas partes, o instigante artigo de Souza e Rios (2015), intitulado “Apontamentos para uma política do cu entre trabalhadores sexuais”, nos permitiu visibilizar os processos de agência e de negociação que se estabelecem entre os trabalhadores sexuais em torno da cisheteronormatividade. O trabalho etnográfico feito pelos autores envolveu entrevistas, observações de campo e conversas informais com participantes do mercado do sexo. Tal estratégia tornou possível conhecer as constantes disputas em torno da masculinização da performance, que ficam evidentes nas negociações entre o trabalhador sexual e seu cliente, nas quais o significado simbólico da penetração é peça-chave nas relações de poder.

⁵“Playadas” é uma expressão que alude a performances femininas, feitas por um homem, e que se associam à homossexualidade. Ela demarca uma região de abjeção, de modos de ser desprezados, que comprometem a virilidade. Ela descreve inicialmente gestos, palavras, vestuário, adereços de alguém, e no ato sexual designa posições mais masculinas e menos masculinas. No caso, ser penetrado, uma posição passiva em termos de performance da sexualidade.

⁶“Aplayado” é uma expressão que se emprega para descrever um comportamento exaltado de um homem, que se manifesta de jeito feminino, com trejeitos e voz identificados como de mulheres, comprometendo a possibilidade de um sujeito ser lido como homem.

Outro trabalho que nos trouxe insumos para pensar os achados de nossas pesquisas foi o de Fernando Pocahy (2011). Na pesquisa, o autor buscou entender, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, os jogos de relação entre homens mais velhos e jovens trabalhadores do sexo, em dois lugares na cidade de Porto Alegre, uma sauna e um bar de socialização do público gay. A análise do conjunto de tensões, resistências, negociações, estratégias e formas de intercâmbio não diretamente tarifado nos permitiu um olhar mais cuidadoso em nosso trabalho. Especialmente útil nos foram suas considerações acerca da construção de possibilidades de afeto, amizade e troca de favores entre trabalhadores do sexo e seus clientes, configurando modalidades de relação entre homens não diretamente monetarizadas. Tais relações são valorizadas nos projetos de vida dos envolvidos, tanto de homens gays mais velhos quanto dos jovens, e, por vezes, contam com elementos do amor romântico.

CASOS, FALAS, SITUAÇÕES, HISTÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E PEDAGOGIAS NOS MERCADOS SEXUAIS

Nosso propósito é tanto apresentar achados dos dois projetos de pesquisa como colocá-los em diálogo. Vale lembrar que os dois pesquisadores se debruçaram sobre realidades bem distintas: etnografia de cenas da cultura escolar e diálogos produzidos em oficinas em gênero e sexualidade junto a alunos e alunas cursando Ensino Médio em escolas públicas da região metropolitana de Porto Alegre; e descrição de situações e contextos, bem como entrevistas, com garotos que operam no mercado do sexo na área central da cidade de San José capital da Costa Rica. Em termos temporais, os dados foram colhidos de modo sincrônico, entre os anos de 2014 a 2019, e as ações em campo só foram interrompidas em 2020 por conta da pandemia de COVID 19. Em termos de espaço tempo, pode-se afirmar que os dados da etnografia da cultura escolar foram colhidos majoritariamente durante o dia, e os dados do mercado sexual em San José foram colhidos quase todos em interações à noite. As conversas, observação e oficinas com jovens estudantes aconteceram dentro de escolas, e os dados colhidos na Costa Rica foram todos obtidos em situações de rua. Debatendo os achados e as impressões, selecionamos situações e falas que estimulam um diálogo e fazem pensar na produtividade das pedagogias do gênero e da sexualidade que atravessam o tecido social, na multiplicação de lugares de aprendizagem e em certa circularidade dos saberes e dos aprendizados.

O primeiro tópico que chamou a atenção é aquele da percepção da beleza e do conteúdo erótico do próprio corpo, associado às características que

manifestam virilidade, e a operação em torno desses elementos para construir uma trajetória, tomada aqui como inserir-se em um currículo cultural que acena com ganhos e possibilidades. As perguntas que nos colocamos foram: “o que pode um corpo?” e “como fico sabendo o que pode meu corpo?”. Em uma oficina sobre gênero e sexualidade, com duas turmas de Ensino Médio em escola da região sul da cidade de Porto Alegre, um dos tópicos em debate foi a relação de cada um, cada uma, com seu próprio corpo, e a percepção que alunos e alunas tinham do grau de atração que exerciam sobre as demais pessoas. O tema foi sugerido pela turma de estudantes, e a discussão logo se tornou intensa. Devido ao excesso de participação, inicialmente foi difícil tomar notas. Mas, em dado momento, a frase dita por um aluno, que vamos chamar aqui de Alexandre⁷, polarizou os debates. Em seu subgrupo de conversa, ele disse em voz alta e clara: “ter um corpo desses que eu tenho já é um pecado, agora esquece, é tirar partido dele”. A afirmação provocou risos, e centralizou a discussão em torno de sua narrativa. Convidado a desenvolver melhor a afirmação, e com a ajuda dos colegas, relatou-se que, desde o Ensino Fundamental, na própria escola, Alexandre havia sido escolhido como atleta, e sua foto já havia aparecido em algum jornal. Foram abundantes as declarações de que em mais de uma oportunidade ele havia sido elogiado por seu corpo, musculoso, flexível, de boa altura, rosto e sorriso lindos. As frases citadas incluíram manifestações de algumas professoras, das colegas meninas da escola, de alguns meninos que com ele jogavam futebol, e de alguns meninos gays ali presentes, que desse modo se identificaram, e sem nenhum constrangimento aparente declararam voto a favor da beleza de Alexandre. Além disso, uma menina, que disse morar em casa próxima a dele, ali mesmo no bairro, de forma muito bem-humorada, narrou situações que envolviam tanto comentários de vizinhas quanto de três homens gays, donos de um salão de beleza próximo. Segundo ela, o rapaz cortava o cabelo de graça lá no salão. Uma outra menina disse ao rapaz “tu podias ser ator de novela da Globo”; outra menina retrucou “isso nunca vai acontecer, ele tinha que ter nascido no Rio de Janeiro”, e Alexandre rematou dizendo “já estou aprendendo das coisas, eu estou cobrando por hora”, em uma clara conexão entre o mercado de sexo e a atividade escolar em andamento, o que foi seguido de gargalhadas gerais e de colegas perguntando “qual é o preço”. A sineta tocou, e a atividade foi finalizada, saindo todos para o pátio animados com o debate. Ainda foi possível flagrar os comentários de duas meninas. Uma delas disse “eu adoro o Alexandre, mas ele está muito vaidoso”, e a outra retrucou “eu estava me

7 Na escrita a seguir mesclamos relatos de diários de campo, depoimentos colhidos em entrevista e análises. Os nomes e locais foram omitidos ou modificados, mantendo com isso o anonimato das fontes.

arrumando para uma festa uma noite, e a minha vó disse que o pecado favorito do diabo é a vaidade”, e as duas saíram rindo para o pátio.

Entrevistando sujeitos na área de mercado do sexo em San José (VARELA, 2016), bem como em clubes de homosociabilidade no Brasil (SEFFNER; NUNES, 2018), conexões com o período de vida escolar apareceram, a indicar as primeiras percepções acerca do potencial erótico do corpo. Essas conexões indicam certo movimento de circularidade dos aprendizados, obtidos em um ambiente, e depois aplicados em outros locais. Conforme os excertos abaixo, de diálogos registrados em diário de campo, os rapazes que operam no mercado do sexo referiram, em muitos momentos, percepções que remetem à cultura escolar e que dialogam com a noção já exposta acima de multiplicação de locais de aprendizagem:

Quando eu fui para a escola secundária, no centro da cidade, longe da minha casa, eu tinha que tomar ônibus, eu comecei a me dar conta que os homens olhavam para mim com uma coisa de desejo. E eu passava no Parque Nacional, no final das aulas, e tinha gringo que olhava para mim, parecia que ia fazer alguma proposta até. E alguns falavam alguma coisa em inglês. E eu comecei a me interessar pelas aulas de inglês do colégio (Diário de Campo, VARELA, 2019).

A nossa turma na escola fez um passeio na praia, um dia inteiro, e lá eu usei calção de banho pela primeira vez, um speedo. E eu percebi que muita gente ficava me olhando, e também alguns homens olhavam para mim. Tinham um interesse no meu corpo. E até uma professora percebeu isso, e falou que todo mundo ficava me olhando (Diário de Campo, VARELA, 2019).

As gurias organizaram um concurso no segundo ano, do aluno gato do colégio, e insistiram para eu me inscrever, e eu fiquei como segundo escolhido. Foi uma surpresa, foi um sucesso na minha turma. Eu comecei a querer me arrumar melhor. Eu falei em casa do concurso, e a minha mãe criticou dizendo que escola não era lugar para isso. Mas a minha irmã, que estudava na mesma escola que eu, foi logo dizendo que todo mundo falava que eu era muito bonito, e que isso era elogio, não era problema, e podia até render emprego na televisão (Diário de Campo, SEFFNER, 2019).

A cultura escolar é porosa em relação a outras instâncias culturais, e há um movimento de trocas e circulação. Por conta disso, as proposições conservadoras que desejam impedir os debates em gênero e sexualidade na escola não procedem, pois tais temas já fazem parte do cotidiano escolar, a demandar uma

abordagem educativa adequada. Nas relações no mercado do sexo de homens com homens, o imaginário comum tende a atribuir grande importância à prática sexual e ao corpo desejável de quem se prostitui. Verificamos que há conexões, cada vez mais frequentes em nosso acompanhamento, entre o mercado do sexo e o mercado do cuidado, ou mercado do afeto, para com pessoas solitárias. A situação de perceber-se solitário não indica de modo automático morar sozinho. Nos depoimentos colhidos na noite de San José, escutamos:

Há muita gente que me paga para falar, desafogar algo, pela companhia, para fazer uma amizade, muitas pessoas são muito solitárias (Jordi). Tem noites que eu não faço sexo, eu faço companhia para senhores (Andrés). Eu acho que eu seria um bom psicólogo, de tanto que eu sei conversar e aconselhar esses homens tristes e solitários (Gustavo). A alguns homens com quem eu saio o que ocorre é um desejo de socializar, de andar com alguém, e eles também perguntam coisas da minha vida, e querem me escutar, e isso é bom para mim (Joaquín)*.

O que parece estar em jogo nos excertos acima é a expertise do jovem em termos de comunicação, acolhida, diálogo. Em cena colhida em escola da zona norte de Porto Alegre, tivemos relatos de situações semelhantes. A atividade aconteceu durante a ocupação das escolas estaduais, em 2016. A pedido dos alunos homens autointitulados heterossexuais (termo que eles não conheciam, e que entrou em circulação durante o período da ocupação), foi realizada uma oficina de conversa sobre masculinidades. Tal pedido veio na esteira de três oportunidades criadas pelas meninas da escola, em que o tema foi o feminismo, e dois encontros que versaram sobre homofobia, bancados por um coletivo de alunos gays. A partir daí, um grupo de meninos se organizou na busca de uma oficina sobre o que definiram como “questões dos homens masculinos”. O convite ao autor principal deste artigo para mediar a oficina, bem como os encaminhamentos para a sua realização, foram muito originais. Um dos tópicos escolhidos para debate foi a relação dos jovens com homens mais velhos, como pai, tio, avô, vizinhos, professores. Foram listados problemas e possibilidades destas relações. A ideia original da proposição foi debater o papel dos adultos de referência na produção das masculinidades, em geral no âmbito familiar. Dois garotos relataram situações um tanto semelhantes, que envolviam habilidades de comunicação, diálogo, acolhida e afeto. Um deles tinha um tio solteiro, que morava com a mãe (avó do garoto), próximo de sua casa. Avó e tio tinham vários

*Todas as entrevistas foram realizadas em San José, em fevereiro de 2015, e uma descrição mais detalhada está em Autor (2016).

problemas de relação com familiares e vizinhos. O outro garoto relatou ter um tio homossexual, irmão de sua mãe, mais velho, que morava com um amigo igualmente adulto e homossexual, não constituindo uma relação de casal, apenas de amizade. Nos dois casos, os garotos revelaram afinidade com essas figuras masculinas. Um deles era estimulado pela mãe a visitar a avó e o tio, e o outro era desaconselhado por sua respectiva mãe a visitar o tio e o amigo. Nos dois casos, as visitas envolviam a provisão de atenção e cuidados – arrumar algo na casa, ir ao mercado comprar algum mantimento, pagar uma conta no banco, acertar aplicativos no celular, ensinar sobre procedimentos de manuseio em uma televisão recém comprada etc. Anotamos algumas frases ditas pelos dois garotos, e por outros que também se manifestaram, pois viviam alguma situação parecida⁹:

O tio me chama e diz que é para trocar uma torneira. Ele não gosta de fazer isso. Mas na verdade ele quer é conversar. E eu gosto disso. E ele sempre me dá uma ajuda de dinheiro. E ele não fica pegando no meu pé.

A minha mãe não gosta que eu fique muito tempo lá na casa do meu tio e do amigo dele, ela diz que vai dar comentário isso. Eles me chamam para limpar a calha, o pátio, ir comprar alguma coisa, e me dão ajuda financeira ou compram roupa e material escolar. É sempre no final de semana, e a gente fica conversando. E a gente fica vendo filmes. Eles não saem muito de casa, mas quando estão comigo a gente vai comer em restaurante, e eu gosto muito disso.

O meu vizinho é casado, já velho, mora ele e a mulher. Mas eles não se dão, só moram juntos. Ele me chama para ajudar num monte de coisas na oficina, ele faz coisa de marceneiro. E fica cantando coisas e me perguntando coisas. Às vezes eu quase não ajudo ele, porque ele faz tudo sozinho, ele só quer companhia para conversar. Mas ele me paga como se eu estivesse trabalhando com ele. (Diário de Campo, SEFFNER, 2019).

Nos casos acima, o que está em jogo são as habilidades de comunicação e companheirismo do rapaz. Há conexões entre o mercado de prostituição, e a economia dos cuidados em nossa sociedade. Saberes aprendidos em algumas situações, até mesmo de ordem familiar, são transferidos, ou podem ser aproveitados, em situações muito diversas. A aprendizagem na construção de

⁹Os nomes dos alunos não foram anotados, a idade varia entre 16 e 18 anos, todos de classe média baixa, morando e estudando em bairro distante do centro da cidade de Porto Alegre, zona de condomínios de edifícios populares, com grande concentração populacional, quase na divisa com outro município da Região Metropolitana de Porto Alegre.

relações de confiança e diálogo é evidente nos excertos acima, bem como a noção de que posso ter um homem mais velho, que de alguma forma me ajuda financeira ou materialmente, em troca de atenção, diálogo, afeto. Há conexões aqui com o mercado do sexo, e com certa economia de cuidados e atenção entre homens de gerações distintas. As cenas acima falam também da multiplicação dos locais de aprendizagem em nossa sociedade, e indicam o funcionamento de pedagogias do cuidado e do gênero. As relações que se dão são entre homens, o gênero é nisso central. Para os homens envolvidos, sejam jovens, adultos ou idosos, o que está em jogo é o convívio masculino, certa fraternidade masculina, origem de cumplicidades. Tais habilidades são aprendidas e experimentam conexões com os mercados do sexo. Indicam, repetimos, ligações entre a economia de cuidados em nossa sociedade e um contexto aparentemente muito diverso, o do mercado do sexo entre homens. O marcador central é gênero, a promover os encontros, articulado aqui fortemente com geração. O jogo desses dois marcadores ajuda a entender o funcionamento das pedagogias do gênero e do cuidado. São elas modalidades de pedagogias culturais, que configuram também a inserção dos jovens em currículos culturais, percursos que a sociedade lhes apresenta, e que propiciam algumas vantagens e ganhos, embora com tensões. Ainda a indicar a centralidade do marcador gênero, importa não apenas estreitar as relações com alguns homens, mas desqualificar as relações e opiniões de outros sujeitos homens acerca do mercado do sexo e das trocas afetivas e materiais. É o que aparece nos excertos abaixo:

A minha mãe mandou o padre falar comigo porque ela desconfia do que eu faço à noite. O padre não tem autoridade para me dizer nada. Ele leva uma vida boa, não tem filho, não tem mulher, ser padre nem é trabalho de homem. E ele nem tem ideia do que se passa na vida real, só lá dentro da igreja, rodeado de beatas. (Diário de Campo, SEFFNER, 2019).

O meu pai me critica, porque eu faço academia, compro roupas melhores do que os outros aqui na vila. Ele não tem moral para dizer nada da minha vida. Ele passou a vida dependendo da minha mãe, que é técnica de enfermagem. O meu pai nunca teve emprego certo, sempre ganhou pouco. Quem trazia comida para dentro de casa era a minha mãe. (Diário de Campo, VARELA, 2019).

Na televisão apareceu um pastor de uma igreja dos Estados Unidos pregando. Ele falou contra as relações entre homens, que acontecem muito na Costa Rica. Esse gringo não sabe o que está falando. Na noite a maioria dos clientes que eu tenho são gringos. Ele podia era dar esse sermão lá para os gringos do país dele. Aqui

a vida é outra, é mais difícil de arrumar dinheiro. (Diário de Campo, VARELA, 2019).

Embora muitas das situações que coletamos em nossas pesquisas indiquem possibilidades de relações entre homens – afetivas, sexuais, de amizade, de companhia, de ajuda, acolhida e apoio –, as estratégias de produção de masculinidades implicam também identificar e desautorizar as posições de outros homens. Nos três excertos acima, o processo de desautorizar o que foi dito passa por enfatizar o gênero, em termos diretos, por acentuar quem é mais homem, no caso do último depoimento interagindo fortemente com o marcador nacionalidade. Tais afirmações indicam a potência das pedagogias do gênero, bem como das noções de multiplicação de lugares de aprendizagem e de circularidade de saberes. Há um aprendizado argumentativo, que conecta situações da cultura escolar e aquelas vividas em outros âmbitos. Pedagogias culturais, e, em particular, as que aqui nos interessam, as pedagogias do gênero, operam em práticas da vida cotidiana, lidam com espaços e tempos diversos, apostam na circularidade de saberes, envolvem posições de casa e rua, noite e dia, dentre outras. Elas qualificam os sujeitos em suas capacidades de inserção em currículos culturais que tragam possíveis vantagens e oportunidades, embora sempre cercada de possíveis riscos. Tais pedagogias estão fortemente relacionadas ao que se faz com as experiências de vida, aos modos de lidar com situações vividas. A intencionalidade dessas pedagogias não é algo dado a priori. Elas são difusas, pouco institucionalizadas, mas, nem por isso, menos potentes. Sua produtividade é algo que vai se construindo, a partir das interações, e permite releituras do que se aprendeu no passado e em outros contextos. Pedagogias do gênero são centrais na produção das masculinidades e na produção de subjetividades em geral. Sua difusão em diferentes contextos de aprendizagem permite conexões entre experiências diversas. Por fim, o elemento que mais destacamos aqui, elas permitem articular saberes de contextos diversos, que se revelam uma qualidade de saberes muito potentes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista** (online), Belo Horizonte, v. 33, p. 01-33, e157950, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v33/1982-6621-edur-33-e157950.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos do conceito de pedagogias culturais em pesquisas dos Estudos Culturais em Educação. **Revista Textura**, Canoas, v. 1, p. 48-63, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho Versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: DIAZ-BENITEZ, M.E; FÍGARI, C.E. (Orgs.). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 207-236.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Sociedade pedagógica e as transformações nos espaços-tempos do ensinar e do aprender. **EM ABERTO**, Brasília, v. 31, p. 107-119, jan/abr. 2018. Disponível em: <http://rbepold.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/3526>. Acesso em: 19 dez. 2020.

CAPUCHO, Luís. **Cinema Orly**. Rio do Janeiro: Interlúdio Editora, 1999.

CONNELL, R. W. Políticas da Masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 12 dez. 2020.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVA, Eloenes. Pedagogias da noite: cenas e experiências de aprendizagens noturnas na cidade. **Revista Textura**, Canoas, v. 23, n. 53, p. 216-237, jan./mar. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5859/3964>. Acesso em: 18 jan. 2021.

FILHO, Luciano Mendes de Faria et. al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.

Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

FRY, Peter. Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. *In*: FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. p.19-40.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 09-43, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em: 19 out. 2020.

KATZ, Jonathan Ned. **A Invenção Da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1996.

KNOBLAUCH, Adriane et. al. Levantamento de pesquisas sobre cultura escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 03, p. 557-574, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v38n3/aop629.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. História e Educação: construção e desconstrução. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://sccer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722/0>. Acesso em: 12 dez. 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

NARDI, Henrique. Sexo e poder nas tramas pós(?)identitárias. Reflexões sobre a prostituição masculina. *In*: MOITA, Luiz Paulo da; CABRAL, Liliana (Orgs.). **Para além da identidade**: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editoria UFMG, 2010. p. 215-235

NUNES, Claudio Freitas. **Trazendo a noite para o dia**: apontamentos sobre erotismo, strip tease masculino, pedagogias de gênero e sexualidade. Porto Alegre, UFRGS, 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador:** culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PERLONGHER, Néstor. La prostitución masculina. Buenos Aires: Ediciones de la Urraca, 1993.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos:** brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

POCAHY, Fernando. **Entre vapores e dublagens:** dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 163f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

RAGO, Luzia Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890 - 1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SCHIFTER, Jacobo. **La cultura sexual de los ticos.** Heredia: J. Schifter S., 2015.

SCHIFTER, Jacobo. **La casa de lila:** prostitución masculina en América Latina. Nueva York: Ed. The Haworth Hispanic and Latino Press, 1999.

SEFFNER, Fernando. Sempre atrás de um buraco tem um olho: racionalidade neoliberal, autoritarismo fundamentalista, gênero e sexualidade na Educação Básica. **PRÁXIS EDUCATIVA** (online), v. 15, p. 01-19, 2020. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br//index.php/praxiseducativa/article/view/15010>. Acesso em: 12 dez. 2021.

SEFFNER, Fernando. **Diário de Campo** Projeto de Pesquisa. Documento pessoal. Porto Alegre, 2019.

SEFFNER, Fernando; NUNES, Cláudio. O corpo a ser estudado, a pedagoga e a classe de alunos: encenando reiteraões da masculinidade heterossexual. *In:* CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva. (Orgs.). **De guri a cabra-macho:** masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2018, p. 65-85.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da Masculinidade:** representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

260 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

SOUZA, Eptácio Nunes; RIOS, Luís Felipe. Apontamentos para uma política do cu entre trabalhadores sexuais. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 579-586, 2015 (online). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerpsicoc/ojs2/index.php/seerpsicoc/article/view/3902>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SUAREZ, Laura. Identidad, diferencia y ciudadanía: una aproximación desde Chantal Mouffé. Revista de Filosofía, **BAJO PALABRA**, n. 3, p.137-146, 2008 (online) Disponível em: <https://revistas.uam.es/bajopalabra/article/view/3589>. Acesso em: 2 jan. 2021.

TERTO JÚNIOR, Veriano de Souza. **No Escurinho do Cinema...:** socialidade orgiástica nas tardes cariocas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1989. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio do Janeiro. Rio do Janeiro, 1989.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No Escurinho do Cinema:** cenas de um público implícito. São Paulo: Annablume, 2000.

VARELA, Luis Pablo Orozco. **Diário de Campo** de Projeto de Pesquisa. Documento pessoal. San José, 2019.

VARELA, Luis Pablo Orozco. **Entre la Espada y la Pared:** pedagogías de la sexualidad en torno a moral sexual, prostitución y formación de masculinidades en Costa Rica. Porto Alegre: UFRGS, 2016. 287f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do sul. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/134690>. Acesso em: 2 jan. 2021.

Recebido em 03 de fevereiro de 2021

Aprovado em 15 de julho de 2021